

Um denso algoritmo: considerações sobre o impacto das tecnologias “smart” nas subjetividades contemporâneas

A dense algorithm: considerations on the impact of “smart” technologies in the contemporary subjectivities

Humberto Moacir de Oliveira*

Adriana Condessa Torres**

Juliana Corrêa de Almeida Andrade***

Resumo

O presente artigo visa debater como a proposta de apagamento das diferenças por meio dos dispositivos tecnológicos contemporâneos tem produzido mudanças na maquinaria inconsciente e efeitos de mortificação do sujeito desejante. Tais efeitos podem ser verificados na clínica psicanalítica por transformações nos modos de subjetivação, no uso da linguagem, no trabalho do pensamento e nas orientações de desejo. Tudo isso convida o analista a se abrir para a investigação sobre tal realidade e sobre como ela impacta sua *práxis*, tarefa fundamental para alcançar o horizonte e a subjetividade de sua época, tal como nos convocou Lacan.

Palavras-chave: Subjetividade. Algoritmo. Tecnologia. Contemporaneidade. Psicanálise.

Abstract

This article aims to discuss how the proposal to erase differences through contemporary technological devices has produced changes in the unconscious machinery and mortification effects on the desiring subject. Such effects can be verified in the psychoanalytic clinic by transformations in the modes of subjectivation, in the use of language, in the work of thought and in the orientations of desire. All these issues invite the analyst to open himself up to the investigation of this reality and to search how it impacts his praxis, which is a fundamental task to reach the horizon and the subjectivity of his time, as Lacan called us to do.

Keywords: Subjectivity. Algorithm. Technology. Contemporary. Psychoanalysis.

* Coordenador do Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise do Vale do Aço (CEPP). Ipatinga, Vale do Aço, MG, Brasil. beto7296@yahoo.com.br

** Terapeuta Ocupacional do Centro de Atenção Psicossocial de Coronel Fabriciano-MG. Membro do Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise do Vale do Aço. Ipatinga, Vale do Aço, MG, Brasil. adrianacondessa@gmail.com

*** Referência Técnica em Saúde Mental pela Prefeitura Municipal de Ipatinga-MG. Membro do Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise do Vale do Aço. Ipatinga, Vale do Aço, MG, Brasil. julicancrp4@gmail.com

Introdução

Desde muito cedo a psicanálise compreendeu a participação do Outro no sofrimento mental de cada sujeito, provocando uma rasura na linha que separa o eu do seu contexto social. Freud (1921/2020) explicita essa questão em *Psicologia das massas e análise do eu*, mas ela já está presente em textos anteriores, como *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, de 1908. Também Lacan insiste nesse trânsito entre o *Innenwelt* [mundo interior] e o *Umwelt* [mundo exterior], seja a partir da física, com sua teoria sobre o espelho como formador da função do eu (LACAN, 1949/1998); seja pela matemática, servindo-se da Banda de Moebius, que sugere uma topologia que sugere uma continuidade entre o dentro e o fora (LACAN, 1962-63/2005); seja, ainda, pela poesia, adotando o aforismo de Rimbaud de que “*Je est un autre*” (LACAN, 1954-1955/2010); ou do que ele mesmo chamou de *Lituraterra* (LACAN, 1971/2003), através da metáfora do litoral onde mar e praia se misturam, novamente sugerindo que à psicanálise interessam muito mais as fronteiras indeterminadas do que nítidas separações entre um campo e outro.

Todas essas perspectivas nos ajudam a pensar o trânsito entre o sujeito e o Outro, sendo que o Outro é, portanto, quem primeiro faz a aparelhagem do psíquico. Mas, afinal, quem ou o que é o Outro? Lacan (1960/1998) dirá que o Outro é o “tesouro dos significantes”. Ou seja, é a “máquina” que alimenta, codifica e estrutura o aparelho psíquico. O Outro inclui a família, que Lacan (1938/2003, p. 30) descreve como o grupo humano que “desempenha um papel primordial na transmissão da cultura”. Mas, embora a família traga os primeiros representantes da cultura e do grande Outro, é evidente que ele não se encerra aí. O Outro inclui também a mídia, a educação, o contexto social, os preconceitos e as formas de vida de uma sociedade, incluindo suas tecnologias. É por isso que Lacan (1972-73/1985) fará uma distinção entre um supereu freudiano e um supereu lacaniano. Isso porque a forma como a sociedade se organizava nos tempos de Freud é diferente do mundo pós-guerra que Lacan estava decifrando em 1972, produzindo, assim, formas diferentes de sujeito e, por sua vez, de clínica. Da mesma forma que o supereu, também o narcisismo, as escolhas objetais, o Édipo, as fantasias, etc., serão experimentados de acordo com a organização social de cada tempo.

Isso significa que não há como pensar a clínica sem levar em conta o contexto em que a subjetividade de uma época é produzida, o que Christian Dunker, evocando Wittgenstein no texto *Narcisismo digital e seus algoritmos*, chama de forma de vida: “Modos de Subjetivação são frequentemente defini-

dos pela unidade entre uso da linguagem, trabalho do pensamento e orientações de desejo. É o que chamamos de forma de vida” (DUNKER, 2020, p. 138). E é impossível falarmos das formas de vida de nossa época sem levar em conta as interações sociais virtuais, as tecnologias, o contato frequente com as telas e, claro, a presença sufocante dos algoritmos do tipo *EdgeRank*¹ em nossas experiências mais cotidianas.

O tema, aliás, tem ocupado diferentes espaços sociais e culturais que vêm denunciando os efeitos de tais aparatos. No documentário *O dilema das redes*, por exemplo, vemos como o ser humano está sendo manipulado pelo uso que o capitalismo faz da tecnologia no mundo contemporâneo. O filme vai muito ao encontro do pensamento de Enrique Mandelbaum que, citando Paul Virilio, sugere que a internet é uma droga eletrônica:

A internet é uma colônia virtual, o último reduto a colonizar no momento em que a globalização tomou conta de todos os territórios sociopolíticos, despertando o que ele [Virilio] chama de um sentimento de claustrofobia global (MANDELBAUM, 2015, p. 155).

Também a música popular tem elegido os algoritmos como tema de suas reflexões com certa frequência. Em 2019, por exemplo, Bruno Capinan, servindo-se da homofonia de algoritmo com “algo ritmo” lançou a música em que diz: “A gente se conheceu / Por algo-ritmo (...) A gente se concebeu / Por algo-ritmo (...) A gente compartilhou / E deu likes / Mas, já sabemos a verdade / É puro algoritmo” (CAPINAN, 2019). O final da letra, quando é dito que, na verdade, é tudo “puro algoritmo”, revela a artificialidade do mecanismo eletrônico em contraste com a organicidade do “ritmo” que provoca, por exemplo, uma dança, situação em que muitos casais se conhecem. Também Caetano Veloso, rimando mais uma vez algoritmo com ritmo, lançou em 2021 a música *Anjos Tronchos*, uma referência aos empresários do Vale do Silício e suas “telas dos azuis mais do que azuis”. Caetano parece cantar em tom de queixa: “Agora a minha história é um denso algoritmo / Que vende venda a vendedores reais / Neurônios meus ganharam novo outro ritmo / E mais e mais e mais e mais e mais” (VELOSO, 2021). Mais recentemente, em 2022, o uruguaio Jorge Drex-

¹ Algoritmos são rotinas finitas e logicamente encadeadas que realizam tarefas a partir de informações que recebem. O algoritmo *EdgeRank* é o algoritmo usado pelo Facebook desde 2007 cuja tarefa consiste em classificar as interações ocorridas na plataforma de modo a oferecer, a partir de dados recolhidos durante o uso, aquilo que os usuários mais procuram (SILVEIRA, 2019, p. 13-14).

ler foi ainda mais direto ao perguntar em sua canção composta em parceria com a cantora israelense Noga Erez: “¿*Quién quiere que yo quiera lo que creo que quiero?*”. Depois de perguntar “quem quer que eu queira o que creio querer”, o cantor profere o refrão: “*Dime qué debo cantar / Oh, algoritmo / Sé que lo sabes mejor / Incluso que yo mismo*” (DREXLER, 2022).

Que o “desejo do homem é o desejo do Outro”, Lacan (1962-1963/2005, p. 31) já havia aprendido nos seminários de Kojève, mas a ideia de que a máquina pode saber melhor do que nós mesmos o que queremos ou o que devemos cantar, talvez nunca tenha sido tão poderosa quanto com o aperfeiçoamento constante dos algoritmos e seus usos para as mais diversas atividades humanas, desde fazer um trajeto de carro até encontrar uma parceria amorosa. É nesse sentido que podemos dizer que a subjetividade, com suas singularidades, é colonizada pelas máquinas modernas alcançando uma alienação do desejo como nunca se tinha visto. Se, por um lado, a sociedade alcança um patamar tecnológico admirável, por outro, essa mesma tecnologia tende a ser utilizada para o apagamento das diferenças, promovendo, via algoritmo, a ilusão de respostas inequívocas (algo totalmente estranho à natureza do desejo, sempre equívoco), identidades plenas, agrupamento em “bolhas” de usuários com pensamentos semelhantes e uma unidade impossível a um sujeito, por definição, dividido. Endossam tal apagamento das diferenças os mais sofisticados medicamentos, usados não apenas para alívio do sofrimento mental, mas também para padronização de comportamentos e aumento de *performance*. É nesse sentido que buscamos no presente artigo debater como tal proposta de assepsia tecnológica (que vai dos algoritmos aos medicamentos, chegando aos *apps* de saúde mental) tem levado à mortificação do sujeito desejante.

A produção de uma subjetividade espectral

Se considerarmos a definição de Miller de que uma máquina “designa uma articulação significante, combinatória e determinista, cujas variações são rigorosamente condicionadas” (MILLER, 2002/2011, p. 2), poderíamos entender também o inconsciente como uma máquina. E, claro – não é demais insistir – uma máquina alimentada pelo Outro enquanto tesouro dos significantes. Mas, ainda com Miller, é preciso enfatizar que: “...essa máquina é particular a cada sujeito, e deve ser reconstituída na experiência analítica para cada sujeito” (*Id.*, *ibid.*). Claro que mesmo a onipresença do algoritmo em nossas vidas não faz da maquinaria do inconsciente algo padronizado, universal, mas produz formas de

vida em que o sujeito está cada vez menos implicado, cada vez mais enquadrado nos moldes dos algoritmos. Se o esforço de Freud foi mostrar que o sujeito, ainda que em seu inconsciente, estava mesmo envolvido em atos psíquicos pouco controláveis como os sonhos e os atos falhos (ou principalmente neles), a contemporaneidade parece fazer um grande esforço para desresponsabilizar os sujeitos, seja em relação a suas escolhas e desejos, seja em relação ao seu sofrimento, abordando as experiências humanas, sempre que possível, por via da máquina, dos algoritmos, dos diagnósticos padronizados ou dos neurotransmissores.

Luis Francisco E. Camargo, a partir dessas mesmas reflexões de Miller, cotejadas com o texto de Flory Kruger para o VIII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, ocorrido em 2012 com o tema *A ordem simbólica no século XXI*, alerta que: “as máquinas [através dos algoritmos] passam a pensar por outras máquinas e, especialmente, pelos sujeitos”. Isso o faz levantar uma pergunta que talvez seja crucial para a clínica psicanalítica contemporânea: “Poderíamos afirmar que elas [as máquinas], de fato, passaram a ocupar o lugar em que antes se encontrava a maquinaria inconsciente? É uma questão radical, pois implica na inversão do inconsciente como máquina para a máquina como inconsciente” (CAMARGO, 2012, p. 8).

Ainda que a resposta não seja fácil, pensar nessa possibilidade da máquina ocupando o lugar da maquinaria do inconsciente pode nos ajudar a entender até onde vai a influência dos algoritmos na vida contemporânea. Se é o algoritmo quem sabe o que quero comprar, por onde devo ir, quem é mais compatível para eu namorar, quem pode ocupar essa ou aquela vaga de emprego, ou quem é mais confiável para um empréstimo financeiro, o sujeito tende a ficar eclipsado.

Até mesmo algum tipo de diagnóstico psiquiátrico já pode ser obtido pelos algoritmos através do novo mercado de *digital health*, que, como demonstram Antonio Neves *et al.* (2020), já oferece serviços de cuidado, de controle e de tratamento do mal-estar psicológico. O horizonte buscado por empresas como a Mindstrong – *start-up* que desenvolve programas de coleta de biomarcadores digitais através de *smartphones* – e a Neuralink – *health-tech* cofundada em 2016 por Elon Musk – é que os aplicativos com seus algoritmos substituam medicamentos psicofármacos: “Os *apps*, assim, aparecem como candidatos fortes para sanar o problema da carência de profissionais da psiquiatria em diversos países e o consequente subdiagnóstico e deficiência de assistência em saúde mental” (NEVES *et al.*, 2020, p. 160)².

² No momento em que escrevemos este artigo, começam a aparecer várias reportagens apontando o uso terapêutico do ChatGPT, programa de inteligência artificial desenvolvido pela OpenAI

Considerando que muitos dos medicamentos que tais *apps* visam substituir já deixaram de ser usados exclusivamente para o tratamento e passaram há algum tempo a serem requeridos para o “aprimoramento” cognitivo e profissional através das chamadas *smart drugs* (ou nootrópicos), em breve veremos não apenas os aplicativos dando diagnósticos e promovendo tratamentos, como também “reprogramando” a mente humana através de implantes neurais que já estão sendo testados pela Neuralink pelo menos desde 2019. Evidentemente, a interferência de tais implantes ou *apps* em busca de tratamento ou de aprimoramento cognitivo (muitas vezes não distinguindo os dois processos) seguirá os comandos de seus programadores, atendendo as exigências do mercado, do mundo corporativo e das *Big Techs*, deixando o sujeito ainda mais eclipsado.

Quanto a isso, o filósofo italiano Giorgio Agamben parece bem menos hesitante do que Luis Francisco E. Camargo, pois, para ele, já em 2009 vivíamos o triunfo dos dispositivos. Recuperando uma discussão de Foucault, Agamben chama de dispositivo toda forma de aparelhagem do ser, sendo a linguagem, provavelmente, o primeiro dispositivo da humanidade. A linguagem, a família, o convento, o exército, a escola, o presídio, seriam espécies de dispositivos. Mas também os chamados aparelhos “*smart*”, abarrotados de aplicativos que funcionam via algoritmo, são dispositivos e, para o filósofo italiano, muito mais dessubjetivantes. Em suas palavras:

Um momento dessubjetivante estava certamente implícito em todo processo de subjetivação (...) mas o que acontece agora é que processos de subjetivação e processos de dessubjetivação parecem tornar-se reciprocamente indiferentes e não dão lugar a recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar e, por assim dizer, espectral (AGAMBEN, 2009, p. 47).

É importante frisar a conclusão do texto de Agamben, pois ela sugere o fim, a morte talvez, do sujeito, que periga existir apenas de forma espectral. Também Christian Dunker, sem ser radical a ponto de chamar o sujeito con-

em novembro de 2022. O programa, diferentemente dos aplicativos da Mindstrong ou das pesquisas com implantes neuronais da Neuralink, não se apresenta como instrumento terapêutico, mas, mesmo assim, já não é raro encontrar reportagens com títulos como: *Jovens usam ChatGPT como psicólogo em busca de conversa sem julgamentos*, no portal UOL (SALES, 2023); *Três coisas para saber antes de falar com o ChatGPT sobre saúde mental*, no site da Época Negócios (TURBIANI, 2023); ou *“ChatGPT psicólogo” vira oráculo de autoajuda e “terapia” barata*, no Estadão (GARBIN, 2023).

temporâneo de espectral, parece apontar para uma realidade em que os algoritmos são quem nos governa, sem muita chance para o que Agamben chamou de recomposição de um novo sujeito:

Se hoje as redes sociais possuem algoritmos para distribuir informações, dali em diante cada um terá seu próprio algoritmo. Mas será que isso é condição suficiente para falarmos em uma verdadeira consciência cibernética? Afinal posso não ter consciência de qual é o “meu algoritmo” e, ainda assim, ser governado por ele. Ter consciência não é o mesmo que ter consciência da consciência (DUNKER, 2020, p. 133)

Seria essa uma resposta afirmativa para a pergunta de Camargo, de que na contemporaneidade a máquina ocupa o lugar da maquinaria do inconsciente? Uma vez que Dunker parece descartar a ideia de uma consciência cibernética, poderíamos falar de um inconsciente cibernético?

Claro que qualquer resposta apressada para essas perguntas tão contemporâneas pode ser arriscada. Como também observa Dunker, a tecnologia atual, em que pese o uso excessivo dos algoritmos, contribui igualmente para novas formas de reconhecimento, o que pode ser importante para uma subjetividade menos espectral, uma vez que oferece conforto narcísico e acolhimento para muitas formas de vida que antes estavam excluídas:

Elas [redes sociais e linguagem digital] colocam os tímidos e os fóbicos em proximidade potencial e controlada com seus piores temores. Trazem luz para os cemitérios de libido e liberta, com seus Blogs, agregadores e plataformas as palavras amordaçadas na alma de cada um, fornecendo-lhes instrumentos narrativos (DUNKER, 2020, p. 132-133).

Mas claro que isso não afasta o risco de fazer de alguns “sintomas intratados” ainda mais salientes:

O paranoico se tornará mais paranoico ao encontrar companhias que confirmam suas ideias persecutórias. O depressivo torna-se mais depressivo, ao reunir outras tantas consciências críticas e cruéis. O ansioso torna-se mais ansioso ao perceber nos outros esquemas de produção, desempenho e realização muito melhores que os seus. O esquizotípico recuará ainda mais, diante de tanta desordem, para seu próprio mundo e confirmará a cada vez que jamais faria parte de um clube que o aceitasse como sócio (*Ibid.*).

As redes sociais virtuais: um Outro de síntese

Essa tensão entre o reconhecimento da subjetividade e o apagamento do sujeito desejante revela o quão importante é para o analista contemporâneo entender o que as redes sociais, a tecnologia e os *smartphones* representam para o sujeito. Fabian Fajnwaks, em seu texto *Não haverá algoritmo para digitalizar o analista*, parte exatamente dessa pergunta, ao se indagar: “A internet constitui um espelho, uma figura do Outro, um semblante ou um objeto *a*?” (FAJNWAWS, 2022, p. 1). A pergunta revela toda a sua complexidade quando o próprio Fajnwaks reconhece que podemos encontrar todas essas categorias lacanianas no universo da rede. Também Enrique Mandelbaum, no texto *Notas sobre a psicanálise em tempos de algoritmos*, insiste que a clínica contemporânea exige que o analista reflita sobre o papel das redes virtuais para seus analisantes, inclusive se perguntando: “até que ponto é um investimento narcísico ou um investimento objetal o que circula de cada um na rede?” (MANDELBAUM, 2015, p. 151).

As perguntas de Fajnwaks e Mandelbaum se justificam uma vez que a relação dos analisantes com a tecnologia tem feito cada vez mais parte do cotidiano de nossas práticas clínicas. São múltiplos os exemplos que podemos citar onde não apenas o objeto “*smartphone*” passa a fazer parte das sessões, como as redes sociais vão se tornando referência para as escolhas dos sujeitos, em busca de soluções para o sofrimento ou para a construção ou não de laços sociais. Assim, vale nos interrogarmos sobre a forma como tais categorias se apresentam nos casos clínicos, sobre quais os efeitos da relação tecnológica para o sujeito e sobre qual a posição do analista diante de tal realidade. Mandelbaum (2015) leva essa ideia tão longe que chega a propor que a topologia do aparelho psíquico elaborada por Freud em *O eu e o isso* (FREUD, 1923/2011), que afirma que o Eu precisa lidar com três amos (o isso, o supereu e a realidade externa), precisaria incluir ainda um quarto amo: a realidade virtual.

Um exemplo da participação da realidade virtual na constituição subjetiva de nossos analisantes está na forma como a internet, novamente servindo-nos das ideias de Dunker, joga com o narcisismo, categoria fundamental na constituição do sujeito, e “estrutura fundamental para todas as nossas experiências de reconhecimento social e intersubjetivo” (DUNKER, 2020, p. 128). Para o autor, podemos pensar a tela como um espelho, que em diferentes medidas tem sido referência para nossas relações com o outro e ganhado grande espaço de reconhecimento social e intersubjetivo. Mas se participa como espelho de nosso narcisismo, a tela também produz seus próprios equívocos, ilusões narcísicas que a

linguagem digital produz ou favorece. Dunker cita ao menos quatro: *a)* a ilusão narcísica de que estamos falando para o mundo, e que “*todos estão escutando o que dizemos*”; *b)* a ilusão de que “todo mundo” está interessado em nossa opinião; *c)* a ilusão de um mundo reduzido e de um aumento proporcional da extensão do eu; *d)* e a ilusão de que, monetizando nossa participação na internet, confirmamos toda as outras ilusões e confirmamos ainda o valor de nossa participação no universo virtual (DUNKER, 2020, p. 130-131).

O que por fim decorre dessas ilusões é que o sujeito se regozija com algo que não se sustenta, pois ainda que dê a ele um lugar social admirado pelo outro, por se tratar de uma relação imaginária, tal lugar comporta uma fragilidade simbólica, onde um simples encontro com o real pode acarretar a desconstrução da imagem e o consequente desinvestimento do outro nela. Outro aspecto a ser destacado é que, ao lidar com o real, frequentemente o que aparece do sujeito é algo que aponta para seu modo de gozo. Daí os “sintomas intratados” ficarem ainda mais salientes, como já foi dito.

A internet, como tecnologia avançada e produzida pela Ciência, associa-se, ainda, à lógica do capital humano denunciada por Foucault (2022) em *Nascimento da biopolítica*. Para o filósofo francês, a lógica neoliberal refunda o *homo economicus* das teorias econômicas clássicas, fazendo dele não apenas um parceiro de trocas, mas, principalmente, um empresário de si mesmo, sendo ele seu próprio capital e estabelecendo com o mundo não uma relação de troca, mas de concorrência, competição e disputa. A internet, com seus algoritmos e sua quantificação estatística, acaba então por criar a ilusão de deter todos os recursos para potencializar o capital humano de cada sujeito, além de servir de parâmetro para tal disputa. A tela surge como um poderoso oráculo, detentor de todo o conhecimento sobre o sujeito, onde para cada pergunta se produz uma resposta certa, um conselho, uma solução que na maioria das vezes direciona para o consumo de um site, um medicamento, um curso, um teste, um site de apostas, enfim, um objeto qualquer que pode otimizar o capital humano do usuário. Mas muito mais do que fazer campeões, esta lógica produz o apagamento do sujeito pelas ciências aplicadas, na esperança de que a Ciência irá encobrir o real. Nesse sentido, pelo lugar de endereçamento que a internet encarna, Fabian Fajnwaks conclui que podemos encontrar na internet a categoria de um “Outro de síntese”, produzido pela tecnologia. E complementa: “O laço do sujeito a esse Outro se declina sobre o primeiro andar do grafo do desejo [andar do imaginário, do narcisismo e do estágio do espelho], com o efeito de retorno sobre o sujeito que constitui a interação com a comunidade viva dos internautas” (FAJNWAKS, 2022, p. 1).

A psicanálise frente ao mal-estar contemporâneo

Se, por um lado, Freud (1932/1996) insistiu em dizer que a psicanálise não deve constituir por si mesma nenhuma *Weltanschauung* (visão de mundo) e que, portanto, não cabe a ela fazer prescrições morais de como devemos viver a vida, por outro lado, ele sempre mostrou também o papel do psicanalista em denunciar os principais causadores do mal-estar de uma cultura. Lacan reitera esse papel político-social do analista ao dizer que deve renunciar à prática da psicanálise “quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1953/1998, p. 322). O psicanalista francês Éric Laurent, por sua vez, reforça Lacan ao cunhar o termo “Analista Cidadão” (LAURENT, 1999), destacando que o analista precisa estar atento, avisado e presente nas questões de seu tempo, o que implica, também, identificar, criticar e denunciar os fatores adoecedores do mundo que o cerca.

É importante frisar que fatores adoecedores aqui não é nenhum exagero, nem a expressão de uma nostalgia de um tempo anterior aos algoritmos em que éramos felizes. Tampouco é uma constatação apenas clínica. Além das evidências clínicas que sempre interessaram à psicanálise, e que aqui aparecem nos textos de Dunker, Fajnwaks e Mandelbaum, há também uma variedade de pesquisas de caráter quantitativo que corroboram essa dimensão adoecedora das tecnologias atuais. O neurocientista francês Michel Desmurget, em seu livro *A fábrica de cretinos digitais*, reúne e analisa várias dessas pesquisas que relacionam o uso excessivo das tecnologias atuais com doenças das mais variadas ordens:

A comunidade científica afirma há anos que a mídia [eletrônica] precisa ser reconhecida como um grande problema de saúde pública. É preciso dizer que o *corpus* da pesquisa que associa os consumos digitais recreativos e os riscos sanitários é exorbitante. A lista de campos afetados parece infinita: obesidade, comportamento alimentar (anorexia/bulimia), tabagismo, alcoolismo, toxicodependência, violência, sexo desprotegido, depressão, sedentarismo, etc. (DESMURGET, 2021, p. 194).

Desmurget se serve de uma entrevista de Patrick Le Lay, CEO de uma importante emissora de televisão francesa, para nos dar a dimensão do quanto essa parceria entre a ciência e o capitalismo neoliberal contribui para o mal-estar de nossa contemporaneidade. Ao ser perguntado sobre seu trabalho na emissora, Le Lay responde que não tinha por objetivo ajudar uma empresa, a

Coca-Cola, por exemplo, a vender seu produto. O CEO alerta que para que uma mensagem publicitária seja absorvida, o cérebro do telespectador precisa estar disponível para recebê-la, e o que sua emissora fazia, então, era justamente distrair o espectador, preparando-o para absorver uma mensagem. É escandalosa, embora honesta, a forma como ele descreve o objetivo maior de sua emissora: “O que vendemos para a Coca-Cola é o tempo do cérebro humano disponível” (LE LAY *apud* DESMURGET, 2021, p. 219-220). Estamos aqui tratando de uma emissora de TV que não tinha ainda a capacidade de recolher e organizar tantos dados como as empresas digitais têm hoje. Mas dá para imaginar o que esses vendedores de “tempo do cérebro humano disponível” podem fazer atualmente com tanta gente viciada nos aparelhos eletrônicos e seus aplicativos, feitos sob medida para tal fim.

Feita tal crítica, seja pela clínica psicanalítica ou pelas pesquisas reunidas por Desmurget, resta ainda a pergunta que frequentemente aparece nesse debate: afinal, tudo isso já não é uma realidade posta, impossível de mudar? Tais tecnologias, aparelhos e algoritmos já não vieram para ficar e pouco poderíamos fazer para amenizar seus impactos? Além de correr o risco de sermos conformistas demais ao aceitar rapidamente a resposta afirmativa dessa pergunta, ela parece também não ter respaldo na realidade. Desmurget, mais uma vez, reúne uma variedade de pesquisas que mostram como o tempo de uso de recreação digital varia de acordo com as informações que as famílias têm de seus riscos e das diferentes estratégias que adotam para responsabilizar e controlar o uso de tais dispositivos: “Portanto, levar as novas gerações a reduzir seu consumo do digital recreativo nada tem de insuperável” (DESMURGET, 2021, p. 57).

A denúncia de Desmurget sugere que a saída para tal situação não se encontra no plano individual, em que cada indivíduo ou família deve aprender, por si mesmo, a fazer um bom uso dos aplicativos e da tecnologia. O problema é de ordem social e política e exige campanhas, intervenções e, principalmente, regulamentação. Isso porque os aplicativos, algoritmos e a tecnologia contemporânea são apenas ferramentas de uma racionalidade, já denunciada por Foucault (2022), que leva a dinâmica do controle, da vigilância, da padronização, da previsão e da ordem do mercado, das empresas e do consumo, para a vida social mais ampla.

Confiando nos estudos disponíveis que mostram que é possível obter resultados relevantes para a utilização menos danosa desses dispositivos, Desmurget cobra inclusive uma participação mais ativa de órgãos como a Organização Mundial de Saúde (OMS). É verdade que a OMS já se ocupa do

tema, inclusive propondo recomendações sobre o tempo de uso de recreação digital para cada faixa etária (WHO, 2019) e reconhecendo alguns riscos da linguagem digital para a saúde. Mas este é um debate que está longe de ocupar a mesma popularidade que campanhas contra o tabagismo, câncer de mama, suicídio, etc., recebem. Reconhecendo as especificidades de cada um desses temas e de cada uma dessas campanhas, concordamos que o debate sobre os efeitos da linguagem digital no mal-estar de nossa época precisa ser ampliado, e a psicanálise não pode ficar de fora desse debate, tanto compartilhando seus achados clínicos como denunciando os efeitos que esse “Outro de síntese”, para usarmos novamente o termo de Fabian Fajnwaks, provoca na subjetividade de nossa época. Para o autor, esse Outro contemporâneo, organizado pelos algoritmos e, portanto, fechado para toda contingência, busca uma “cifragem sem equívoco, e sobretudo sem resto, na medida em que ela constitui a tradução matemática de significantes em dados que se significam a si mesmos” (FAJNWAKS, 2022, p. 1).

Considerações finais

A conclusão a que chegamos é que, embora o papel do psicanalista continue, via de regra, sendo o de fazer o Eu (aqui entendido como o sujeito) advir onde estava o Isso (*Wo Es war, soll Ich werden*³), demovendo, assim, o Eu da alienação do Outro, a contemporaneidade exige algumas especificações dessa tarefa, dentre elas a consideração e o enfrentamento desse Outro de síntese, gerido pelos algoritmos.

Assim, toda a gramática da direção do tratamento e dos objetivos de uma análise, deve ser também atualizada de forma a considerar tal realidade. A destituição subjetiva passa a levar em conta tal alienação aos algoritmos e à Inteligência Artificial; a travessia da fantasia deve incluir também as fantasias promovidas pelos aplicativos e redes sociais; a desidentificação superegoica precisa ser trabalhada também a partir do enfrentamento da ética neoliberal reinante nos imperativos ordenados pelos aparelhos tecnológicos; o desrecalcamento previsto por Freud deve enfrentar as resistências advindas da lógica de tais dispositivos; o luto das ilusões narcísicas deve conter o enfrentamento das desilusões desse espelho digital; a crítica ao papel adoecedor da cultura

³ Fórmula de Freud exposta no texto *A decomposição da personalidade psíquica*, de 1932, cuja tradução é comentada e revista por Lacan diversas vezes ao longo do seu ensino.

denunciada por Freud deve ser também atualizada a partir desses pontos, com o psicanalista participando do debate público a respeito do tema.

Não é objetivo deste artigo encerrar tal atualização dos termos, revisando fórmulas para a psicanálise contemporânea, mas constatamos que o esforço por repensar o trabalho analítico a partir das considerações aqui apontadas é imprescindível para que possamos compreender os efeitos dessa realidade e seu impacto na clínica, condição para alcançarmos, em nosso horizonte, a subjetividade de nossa época.

Tramitação

Recebido 25/07/2023

Aprovado 06/08/2025

Referências

AGAMBEN, G. O que é o dispositivo? In: _____. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 25-51.

CAMARGO, L.F.E. Notas sobre a maquinaria inconsciente e a ordem simbólica. *Opção Lacaniana On-line*, ano 3, n. 7, p. 1-10, 2012. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Notas_sobre_maquinaria_inconsciente_ordem_simbolica.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

CAPINAN, B. Algoritmo. Álbum: *Real*, 2019.

DESMURGET, M. *A fábrica de cretinos digitais*. São Paulo: Vestígios, 2021.

DREXLER, J. ;Oh, Algoritmo! Álbum: *Tinta y Tiempo*, 2022.

DUNKER, C.I.L. Narcisismo Digital e seus Algoritmos. In: SABARIEGO, J.; AMARAL, A.J.; SALLES, E.B.C. (Org.). *Algoritmos*. São Paulo, BR, Valência, ES: Tirant lo Blanch, 2020, p. 128-139.

FAJNWAKS, F. Não haverá algoritmo para digitalizar o analista. *Derivas Analíticas: Revista Digital de Psicanálise e Cultura da Escola Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais*. Belo Horizonte: EBP-MG, n. 17, p. 1, jun. 2022. Disponível em: <<http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/algoritmo-analista>>. Acesso em: 10 set. 2022.

FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

FREUD, S. (1908). *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 165-186. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9).

_____. (1933). *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise – Conferência XXX: a questão de uma Weltanschauung*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 193-220. (ESB, 22).

_____. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: _____. *Cultura, Sociedade e Religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 99-135.

_____. (1923) O eu e o id. In: _____. *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 275-282.

GARBIN, L. ‘ChatGPT psicólogo’ vira oráculo de autoajuda e ‘terapia’ barata. *Estadão*, 2023. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/cultura/luciana-garbin/chatgpt-psicologo-vira-moda-mas-esta-mais-para-manual-ruim-de-autoajuda>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

LACAN, J. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 29-90.

_____. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

_____. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.

_____. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. *Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 807-842.

_____. (1962-63). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1971). Lituraterra. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 15-25.

_____. (1972-73). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LAURENT, E. O analista cidadão. *Curinga*. Belo Horizonte, EBP/MG, n. 13, set., p. 12-19, 1999.

MANDELBAUM, E. Notas sobre a Psicanálise em tempos de algoritmos. *Ide*. São Paulo [online], v. 38, n. 60, p. 145-159, 2015, Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud>

org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062015000200012&lng=pt&nrm=i
so>. Acesso em: 10 set. 2022.

MILLER, J.-A. Intuições milanesas II. *Opção Lacaniana On-line*, ano 2, n. 6, p. 2, 2011 [2002]. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Intuicoes_Milanesas_II.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.

NEVES, A. *et al.* A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020. p. 126-179.

O DILEMA das redes. Direção: Jeff Orlowski. *Netflix*. Estados Unidos: Netflix, 2020.

SALES, G. Jovens usam ChatGPT como psicólogo em busca de conversa sem julgamentos. *UOL*, 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2023/04/jovens-usam-chatgpt-como-psicologo-em-busca-de-conversa-sem-julgamentos.shtml#:~:text=A%20professora%20Solange%20Rezende%2C%20coordenadora,deve%20ser%20usado%20como%20psic%C3%B3logo>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

SILVEIRA, S. A. *Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas*. São Paulo: Edições SESC, 2019.

TURBIANI, R. 3 coisas para saber antes de falar com o ChatGPT sobre saúde mental. *Época Negócios*, 2023. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/tecnologia/noticia/2023/01/3-coisas-para-saber-antes-de-falar-com-o-chatgpt-sobre-saude-mental.ghtml>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

VELOSO, C. Anjos Tronchos. Álbum: *Meu coco*, 2021.

WHO. *To Grow up Healthy, Children Need To Sit Less and Play More*. Who, 2019